



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO

LICENCIATURA EM LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

GABRIEL MARTINS DE SOUZA

**As Origens da Língua Japonesa: Compilação e Análise de Dados sobre Afiliações
Linguísticas Asiáticas**

BRASILIA

2024

GABRIEL MARTINS DE SOUZA

**As Origens da Língua Japonesa: Compilação e Análise de Dados sobre Afiliações
Linguísticas Asiáticas**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora como requisito parcial para obtenção do título em licenciatura em Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius de Lira
Ferreira Tanaka

BRASÍLIA

2024

GABRIEL MARTINS DE SOUZA

**As Origens da Língua Japonesa: Compilação e Análise de Dados sobre Afiliações
Linguísticas Asiáticas**

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka (Orientador)

Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Fausto Pinheiro Pereira

Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Alice Tomie Joko

Universidade de Brasília

RESUMO

A pesquisa explora as principais hipóteses que buscam explicar a afiliação genética do japonês com outras famílias linguísticas, como a altaica, a austronésia e o proto-nipo-coreano. A partir de uma abordagem introdutória, o estudo busca lançar luz sobre as raízes do idioma e sua trajetória evolutiva, em meio à carência de pesquisas abrangentes e acessíveis sobre o tema. O trabalho visa introduzir conceitos-chave da linguística histórica, apresentar as principais hipóteses sobre a origem do japonês e analisar alguns cognatos, com o propósito de identificar possíveis relações entre o japonês e outras línguas asiáticas. A metodologia empregada baseia-se no método comparativo, por meio da análise de cognatos e suas evoluções fonológicas ao longo do tempo. A partir da comparação entre o japonês e outras línguas, como turco, coreano, tagalo e indonésio, busca-se identificar padrões que possam indicar possíveis relações genéticas ou influências mútuas. A análise dos dados revelou a complexidade das origens da língua japonesa e a dificuldade em estabelecer uma afiliação genética conclusiva. A possível presença de cognatos entre o japonês e outras línguas asiáticas sugere possíveis conexões históricas e culturais, mas também levanta questões sobre a influência de empréstimos linguísticos e da convergência linguística. O estudo conclui que a busca pela origem do japonês é um desafio contínuo, que exige rigor metodológico e abertura para diferentes interpretações. O presente trabalho, portanto, se configura como um ponto de partida para pesquisas mais aprofundadas e para o desenvolvimento da linguística histórica aplicada ao japonês, buscando resolver questões não solucionadas que ainda envolvem a origem e a evolução deste idioma.

Palavras-chave: Língua japonesa, Hipótese altaica, Hipótese austronésia, Proto-nipo-coreano.

ABSTRACT

The research explores the main hypotheses that seek to explain the genetic affiliation of Japanese with other language families, such as Altaic, Austronesian, and Proto-Korean-Japanese. The study aims to shed light on the roots of the language and its evolutionary trajectory through an introductory approach, addressing the scarcity of comprehensive and accessible research on the topic. The paper introduces key concepts of historical linguistics, presents the main hypotheses about the origin of Japanese, and analyzes some cognates, with the purpose of identifying possible relationships between Japanese and other Asian languages. The comparative method is employed, analyzing cognates and their phonological evolution. By comparing Japanese with other languages, such as Turkish, Korean, Tagalog, and Indonesian, the study seeks to identify patterns that may indicate possible genetic relationships or mutual influences. The data analysis revealed the complexity of the origins of the Japanese language and the difficulty in establishing a conclusive genetic affiliation. The possible presence of cognates between Japanese and other Asian languages suggests potential historical and cultural connections but also raises questions about the influence of linguistic borrowings and language convergence. This paper, therefore, serves as a starting point for further research and the development of historical linguistics applied to Japanese, seeking to resolve unsolved questions that still surround the origin and evolution of this language.

Keywords: Japanese language, Altaic hypothesis, Austronesian hypothesis, Proto-Korean-Japanese.

Sumário

| | |
|---|----|
| 1. Introdução | 7 |
| 1.1. Contextualização e Problema..... | 7 |
| 1.2. Justificativa | 7 |
| 1.3. Objetivos | 8 |
| 1.3.1. Objetivo Geral | 8 |
| 1.3.2. Objetivo Específico | 8 |
| 1.4. Hipóteses..... | 9 |
| 1.5. Estrutura do trabalho | 10 |
| 2. Revisão Bibliográfica | 11 |
| 2.1. Línguas austronésias | 11 |
| 2.2. Proto-nipo-coreano..... | 12 |
| 2.3. Língua Altaica | 14 |
| 3. Metodologia | 16 |
| 3.1. Linguística Histórica..... | 16 |
| 3.2. Convergência linguística..... | 17 |
| 3.3. Empréstimo linguístico..... | 17 |
| 3.4. Método comparativo | 20 |
| 4. Análise | 23 |
| 4.1. Análise e Discussão dos Dados..... | 23 |
| 5. Conclusão | 29 |
| 6. Referências Bibliográficas | 31 |

1. Introdução

1.1. Contextualização e Problema

A origem da língua japonesa é um tema que desperta profundo interesse e curiosidade, mas que também se reveste de grande complexidade. A incerteza que paira sobre sua afiliação genética com outras línguas ou famílias linguísticas, como bem apontado por Shibatani (1990, p. 89), é um elemento central para compreendermos a singularidade do japonês em relação a muitos outros idiomas. Enquanto diversas línguas trazem em sua história registros claros de suas origens e das influências que as moldaram ao longo do tempo, o japonês se destaca por não se encaixar nesse padrão.

Essa lacuna no conhecimento, somada à relativa escassez de pesquisas abrangentes e acessíveis sobre o tema, revela um vasto campo de investigação ainda pouco explorado. A necessidade de aprofundar o entendimento sobre as origens e a evolução do japonês se torna evidente, não apenas para desvendar os mistérios de sua história linguística, mas também para ampliar o conhecimento global sobre as dinâmicas de transformação das línguas ao longo do tempo.

O presente trabalho se insere nesse contexto, buscando contribuir para a elucidação das complexidades que envolvem a origem da língua japonesa. Através da análise de diferentes hipóteses e da investigação de possíveis afiliações com outras famílias linguísticas asiáticas, pretende-se lançar luz sobre as raízes do idioma japonês e sua trajetória evolutiva. A exploração dessas questões, além de enriquecer o conhecimento sobre a história linguística do Japão, também oferece a oportunidade de aprofundar a compreensão sobre os processos de formação e transformação das línguas em um contexto mais amplo, fomentando o debate acadêmico e a disseminação do conhecimento.

1.2. Justificativa

Devido à carência de estudos abrangentes sobre a origem da língua japonesa, que apresentam uma variedade de hipóteses e possíveis afiliações com famílias linguísticas asiáticas, este trabalho pretende explorar de maneira introdutória e sistemática as questões fundamentais relacionadas às suas origens. O foco principal será o japonês, utilizando uma abordagem metodológica comparativa para analisar os cognatos e suas evoluções fonológicas ao longo do tempo.

A escassez de pesquisas disponíveis em língua portuguesa representa não apenas um desafio para a disseminação dessas hipóteses e o entendimento das conexões linguísticas envolvidas, mas também uma lacuna crítica na compreensão da história e desenvolvimento linguístico do japonês dentro do contexto acadêmico brasileiro. A falta de acesso a um corpus robusto de estudos relevantes limita significativamente o avanço do conhecimento nessa área específica.

Além disso, a ausência de uma base sólida de pesquisas em português destaca a urgência de uma investigação mais aprofundada e reflexiva sobre os cognatos japoneses com outras línguas. Ao explorar e contextualizar as diversas hipóteses e famílias linguísticas que orbitam a questão da origem do japonês, este estudo não apenas visa preencher uma lacuna acadêmica essencial, mas também propõe novas inspirações para o desenvolvimento da linguística histórica aplicada ao japonês.

Dessa forma, este trabalho se posiciona como uma contribuição significativa para o campo, não apenas ampliando o entendimento da complexidade linguística japonesa, mas também fomentando um debate acadêmico mais abrangente e informado sobre as origens e evoluções da língua japonesa.

1.3. Objetivos

1.3.1. Objetivo Geral

O trabalho visa introduzir conceitos, no caso de hipóteses, famílias linguísticas e métodos existentes na linguística, apresentar as hipóteses que se assemelham, não só sobre a origem da língua japonesa, mas quando relevante também sobre a origem de outras línguas asiáticas, analisando alguns dos cognatos, com o propósito de se assemelhar a correspondência sonora à justificativa de origem.

A análise dos cognatos ocorrerá com enfoque no japonês, a fim de que se estabeleça uma relação entre o japonês, as demais línguas asiáticas utilizadas, e suas origens.

1.3.2. Objetivo Específico

Este trabalho oferece um panorama introdutório das diferentes abordagens teóricas utilizadas na linguística para investigar as origens e o desenvolvimento da língua japonesa em relação a outras línguas asiáticas. Além de divulgar o tema para incentivar novas pesquisas na comunidade acadêmica, busca-se fomentar o debate e a investigação contínua dessas questões,

contribuindo para o avanço do conhecimento na área de linguística histórica e fortalecendo o interesse pelo estudo das línguas asiáticas.

O presente estudo buscou possibilidade de se realizar uma breve análise de possíveis cognatos, com base nas correspondências sonoras, explorando a relação entre as línguas presentes nas hipóteses que englobam as línguas altaicas, as línguas austronésias e o proto-nipo-coreano. Foi trabalhado a possível relação dessas hipóteses com o japonês e outras línguas asiáticas, oferecendo um ponto de partida para pesquisas mais aprofundadas sobre o tema.

Sendo feitas comparações preliminares entre o japonês e outras línguas asiáticas, como o turco, coreano, tagalo e indonésio, a fim de identificar padrões de correspondência sonora para uma compreensão mais precisa das relações linguísticas entre o japonês e suas línguas vizinhas na Ásia.

Adicionalmente, a apresentação de hipóteses que abordam não apenas a origem da língua japonesa, mas também a de outras línguas asiáticas, destacando a análise dos cognatos com regras de correspondências sonoras. Essa abordagem visa alcançar conclusões significativas sobre o assunto, considerando igualmente relevante cada uma das hipóteses exploradas.

1.4. Hipóteses

O presente estudo se debruçará sobre três hipóteses principais que buscam elucidar as origens da língua japonesa.

A hipótese altaica, que postula a existência de uma antiga família linguística, o proto-altaico, da qual o japonês faria parte, juntamente com línguas como o turco, o mongol e o tungúsico (Shibatani, 1990, p. 103). Essa hipótese se baseia em semelhanças estruturais e lexicais entre essas línguas, como a ordem sujeito-objeto-verbo, a harmonia vocálica e a presença de cognatos. No entanto, a inclusão do japonês na família altaica é controversa e enfrenta desafios, como a dificuldade em estabelecer correspondências sonoras regulares e a possibilidade de que as semelhanças sejam resultado de contato linguístico e não de um parentesco genético (Shibatani, 1990, p. 97).

A hipótese austronésia sugere a influência de línguas do Sudeste Asiático e da Oceania na formação do japonês, defendendo a presença de um substrato austronésio no idioma

(Shibatani et al, 2015, p. 238). Essa hipótese se apoia especialmente em itens lexicais relacionados à agricultura e à pesca, e em semelhanças fonológicas e morfológicas. No entanto, a extensão dessa influência e sua relação com outras possíveis origens do japonês ainda são objeto de debate (Robbeets, 2017, pp. 210-251).

A hipótese do proto-nipo-coreano propõe uma origem comum para o japonês e o coreano, a partir de uma língua ancestral chamada proto-nipo-coreano (Tanaka de Lira, 2023, p. 3). Essa hipótese se baseia em semelhanças lexicais e gramaticais entre as duas línguas, além de evidências arqueológicas e históricas que sugerem um contato antigo entre os povos que habitavam a península coreana e o arquipélago japonês. No entanto, essa hipótese também enfrenta desafios, como a dificuldade em estabelecer correspondências sonoras regulares e a possibilidade de influência de outras famílias linguísticas (Tanaka de Lira, 2023, p. 3-13).

A investigação dessas hipóteses será realizada através da análise comparativa de cognatos, buscando identificar correspondências fonológicas e semânticas entre o japonês e as línguas pertencentes às famílias linguísticas mencionadas. A partir dessa análise, com a plausibilidade de cada hipótese e suas implicações para a compreensão da história e evolução da língua japonesa.

É importante ressaltar que a análise de cognatos, embora fundamental para a investigação da história das línguas, deve ser realizada com rigor metodológico e considerar o contexto histórico e cultural dos povos envolvidos. Somente assim será possível avançar na compreensão das origens do japonês e de sua possível relação com outras línguas.

1.5. Estrutura do trabalho

O presente trabalho divide-se em cinco principais capítulos: o primeiro capítulo trata principalmente da contextualização, motivação e objetivos desta pesquisa. O segundo capítulo refere-se ao arcabouço teórico composto pela linguística histórica, mudanças fonéticas, método comparativo, inventário fonológicos das línguas japonesa e coreana e histórico de comparação entre as duas línguas. O terceiro capítulo traz a metodologia de pesquisa utilizada além da apresentação dos dados que foram utilizados. No quarto capítulo foram reanalisados os dados escolhidos e propostos pelos principais autores defensores e opositores da hipótese da protolíngua nipo-coreana. E por último, o quinto capítulo traz as considerações finais a respeito dos resultados desta pesquisa assim como sua contribuição futura para a área de estudo.

2. Revisão Bibliográfica

2.1. Línguas austronésias

As línguas austronésias formam uma das maiores famílias linguísticas do mundo, abrangendo mais de 1.200 idiomas falados por cerca de 386 milhões de pessoas em uma vasta área geográfica que se estende desde Madagascar, no Oeste, até a Ilha de Páscoa, no Leste, e desde Taiwan, no Norte, até a Nova Zelândia, no sul (Glottolog, 2024).

Essa família linguística é dividida em diversos ramos e subgrupos, sendo os principais o ramo malaio-polinésio, que inclui idiomas como o malaio, indonésio, javanês, tagalo (das Filipinas), malgaxe (de Madagascar) e maori (da Nova Zelândia), e o ramo formosano, que engloba as línguas indígenas de Taiwan (Blust, 2023).

As hipóteses que buscam as origens do japonês entre as línguas austronésias consideram que os elementos austronésios presentes no japonês, especialmente no léxico, indicam uma possível influência austronésia na formação da língua japonesa. (Shibatani et al, 2015, p. 238). As origens da língua japonesa têm sido disputadas. Por exemplo, Miller (1971) e Osada (1974) argumentam que o japonês pertence à família de línguas altaicas, enquanto Murayama (1974) e Kawamoto (1980) atribuem suas origens à família de línguas austronésias faladas nas ilhas do sudeste asiático e do Pacífico (Hasegawa, 2015, p. 29).

As línguas austronésias, com sua estrutura silábica simples, uso de afixos e reduplicação, formam uma vasta família linguística que se espalhou de Taiwan para diversas regiões, incluindo o sudeste asiático e a Oceania. Essa expansão, ocorrida há cerca de 5.000 anos, levanta a hipótese de que o proto-austronésio, ancestral comum dessas línguas, pode ter influenciado o desenvolvimento do japonês, dada a proximidade geográfica e o contato entre os povos. A possível influência austronésia é uma das teorias que buscam explicar as origens da língua japonesa, embora ainda seja objeto de debate entre linguistas e arqueólogos (Shibatani et al, 2015, p. 238).

A ideia de que a agricultura impulsionou a expansão de povos e suas línguas é usada para explicar a disseminação de línguas como o japonês. Assim, a agricultura teria levado ao crescimento da população e à mudança para novas áreas, fazendo com que as línguas dos agricultores substituíssem as línguas dos povos que viviam da caça e coleta (Robbeets, 2017, pp. 210-251).

Embora acredite-se que o japonês tenha se desenvolvido na Península de Liaodong, na China (3º-2º milênio a.C.), e seus falantes teriam aprendido a cultivar arroz através do contato com povos que falavam línguas semelhantes às austronésias, Sagart (1995, 2011) sugere que uma forma ancestral das línguas austronésias era falada na região e que os ancestrais dos japoneses aprenderam a cultivar arroz com esses povos, que falavam uma língua relacionada à família sino-tibetana-austronésica (um grupo que engloba as famílias linguísticas chinesa e tibetana, além das austronésias) (idem, pp. 210-251).

Ainda que continue a gerar controvérsia entre os linguistas, a hipótese de uma relação genética entre o japonês e o austronésio tem uma longa história e deve ser vista como uma das principais teorias relacionadas à questão das origens linguísticas do japonês (Hudson, 1999, p. 1)

Neste estudo, para facilitar a análise das línguas que podem ter influenciado o japonês, foi escolhido focar em duas línguas do grupo das línguas austronésias: o tagalo e o bahasa. Ao realizar uma breve e superficial análise de cognatos com as línguas citadas, espera-se propagar a motivação para futuras pesquisas de outros acadêmicos do cenário de linguística.

2.2. Proto-nipo-coreano

A hipótese do proto-nipo-coreano propõe que as línguas japonesa e coreana compartilham uma origem comum, derivando de uma língua ancestral chamada proto-nipo-coreano. Essa hipótese, embora controversa e ainda debatida na comunidade linguística, busca explicar as semelhanças observadas entre essas duas línguas em termos de vocabulário e gramática (Tanaka de Lira, 2023, p. 3).

Essa hipótese se contrapõe a outras teorias, como a que relaciona o japonês à família altaica, e à hipótese de uma influência austronésia na formação da língua japonesa (Francis; Ratte, 2016, pp. 13-25). Muitos pesquisadores que investigam a possível origem meridional do japonês acreditam na existência de um substrato austronésio na língua, ou seja, uma influência de línguas austronésias em um estágio anterior de sua formação (idem, pp. 13-25).

A busca por evidências que sustentem a hipótese do proto-nipo-coreano tem sido um desafio para os linguistas, devido à escassez de registros escritos antigos e às dificuldades em estabelecer correspondências sonoras regulares entre o japonês e o coreano (Tanaka de Lira, 2023, pp. 11-13). Apesar da proximidade geográfica e cultural entre os povos que falam essas línguas, a reconstrução de uma protolíngua comum tem se mostrado complexa (idem, p. 3).

No entanto, diversos pesquisadores têm se dedicado a investigar essa possível relação genética, buscando reconstruir o proto-nipo-coreano e traçar a história da formação linguística do Nordeste Asiático (Tanaka de Lira, 2023, pp. 11-13). A hipótese do proto-nipo-coreano se destaca como uma das principais hipóteses sobre as origens linguísticas do japonês, mesmo que ainda esteja em debate (Francis; Ratte, 2016, pp. 13-25).

A busca por comprovar a existência de um proto-nipo-coreano, a língua ancestral que teria dado origem ao japonês e ao coreano, tem se apoiado em diferentes tipos de evidências:

Semelhanças lexicais: A presença de cognatos, ou seja, palavras com origem comum e significados semelhantes, entre o japonês e o coreano, é um dos principais argumentos a favor da hipótese. Exemplos incluem termos básicos como "olho", "nariz" e "água", que apresentam formas semelhantes nas duas línguas (Francis; Ratte, 2016, pp. 13-25).

Semelhanças gramaticais: A ordem das palavras na frase (sujeito-objeto-verbo) e o uso de partículas para marcar as funções gramaticais são características compartilhadas pelo japonês e pelo coreano, o que poderia indicar uma origem comum (idem, pp. 13-25).

Evidências arqueológicas e históricas: Vestígios arqueológicos e registros históricos sugerem um contato antigo entre os povos que habitavam a península coreana e o arquipélago japonês, o que poderia ter propiciado a formação de uma língua ancestral comum (Tanaka de Lira, 2023, p. 7).

No entanto, a hipótese do proto nipo-coreano também enfrenta desafios consideráveis:

Dificuldade em estabelecer correspondências sonoras regulares: Um dos principais critérios para comprovar o parentesco genético entre línguas é a existência de correspondências sonoras regulares entre seus cognatos. No caso do japonês e do coreano, essa tarefa tem se mostrado complexa, com muitas irregularidades e exceções (Tanaka de Lira, 2023, p. 12).

Influência de outras famílias linguísticas: As semelhanças entre o japonês e o coreano podem ser resultado de contato linguístico com outras famílias, como as línguas altaicas ou austronésias, e não necessariamente de um ancestral comum (idem, p. 14).

Evidências de substratos linguísticos: É possível que o japonês e o coreano tenham substratos linguísticos diferentes, ou seja, influências de línguas mais antigas que foram substituídas ou absorvidas ao longo do tempo. Isso dificultaria a identificação de um ancestral comum e a reconstrução de uma protolíngua (ibidem, p. 22).

Diante desses desafios, a comunidade linguística ainda não chegou a um consenso sobre a validade da hipótese do proto-nipo-coreano. No entanto, a busca por evidências e a discussão sobre as origens do japonês e do coreano continuam, impulsionadas por novas pesquisas e abordagens multidisciplinares que combinam dados linguísticos, arqueológicos e genéticos (ibidem, p. 3).

2.3. Língua Altaica

A hipótese da língua altaica é uma hipótese que propõe a existência de uma protolíngua, o proto-altaico, que teria dado origem a um vasto conjunto de línguas modernas faladas em uma extensa região da Eurásia, abrangendo desde a Turquia até o Japão (Shibatani, 1990 p. 103). Essa família hipotética incluiria, em sua concepção mais ampla, cinco ramos principais:

Turco: Uma rica e diversificada família linguística que inclui o turco (língua oficial da Turquia), o azerbaijano (língua oficial do Azerbaijão), o cazaque, o uzbeque, o turcomeno e muitas outras línguas faladas por milhões de pessoas em uma vasta área que se estende da Turquia à China. As línguas turcas são caracterizadas por sua estrutura aglutinante, harmonia vocálica e ordem de palavras sujeito-objeto-verbo (SOV).

Mongólico: Este ramo inclui o mongol (língua oficial da Mongólia), o buriato (falado na região do Lago Baikal, na Rússia) e o calmúquio (falado na região da Calmúquia, na Rússia), entre outras línguas. As línguas mongólicas compartilham características como a harmonia vocálica, a ausência de gênero gramatical e um sistema de casos.

Tungúsico: Este ramo engloba línguas como o evenki, o even e o nanai, faladas por povos indígenas em uma vasta área da Sibéria e do nordeste da China. As línguas tungúsicas são conhecidas por sua complexa morfologia verbal e sistema de declinação nominal.

Coreano: A inclusão do coreano na família altaica é um ponto de debate entre os linguistas. Alguns pesquisadores argumentam que o coreano compartilha características

lexicais e gramaticais com as línguas altaicas, enquanto outros acreditam que essas semelhanças podem ser resultado de empréstimos linguísticos ou contato prolongado.

Japonês: A inclusão do japonês na família altaica é ainda mais controversa do que a do coreano. As evidências a favor dessa hipótese são limitadas e baseiam-se principalmente em semelhanças lexicais e algumas características gramaticais. No entanto, muitos linguistas acreditam que essas semelhanças podem ser explicadas por outras razões, como o contato entre o japonês e as línguas altaicas ao longo da história.

A hipótese altaica se baseia em um conjunto de evidências que sugerem uma origem comum para as línguas mencionadas (Shibatani, 1990 p. 29):

Evidências gramaticais: As línguas altaicas apresentam características estruturais semelhantes, como a ordem das palavras SOV, a harmonia vocálica, a ausência de gênero gramatical e o uso de pós-posições.

Evidências arqueológicas e genéticas: Estudos arqueológicos e genéticos indicam que os povos que falam línguas altaicas compartilham uma ancestralidade comum e uma história de migração e contato na Eurásia.

No entanto, a hipótese altaica enfrenta desafios consideráveis:

Controvérsia: A inclusão do coreano e do japonês na família altaica é objeto de intenso debate entre os linguistas.

Evidências limitadas: As evidências linguísticas que apoiam a hipótese altaica são consideradas por alguns pesquisadores como insuficientes ou inconclusivas.

Explicações alternativas: As semelhanças entre as línguas altaicas podem ser explicadas por empréstimos linguísticos ou por contato prolongado entre os povos que as falam, em vez de uma origem comum (Shibatani, 1990 p. 118).

No presente estudo, ao organizar por hipóteses, a análise das línguas tradicionalmente agrupadas na hipótese altaica foi limitada à comparação com o turco, com um enfoque particular na identificação de potenciais relações com o japonês. A escolha por essas línguas se justifica pela existência de dados, o que suscita questões intrigantes sobre possíveis conexões linguísticas e culturais (Campbell, 1999, pp. 78-102).

A análise de cognatos, embora restrita em seu escopo, oferece uma janela para a identificação de semelhanças lexicais e fonéticas que podem lançar luz sobre um possível parentesco distante entre essas línguas.

3. Metodologia

3.1. Linguística Histórica

A linguística histórica, também denominada como linguística diacrônica (CAMPBELL, 1999, p. 4), tem como objetivo estudar alterações existentes do sistema linguístico, sendo sua transição de uma época para a outra, correlacionando isto com os fatos de um determinado período.

A começar do pressuposto de que as línguas humanas tendem a mudar e não constituem realidades estáticas, sua estrutura se altera com o passar do tempo e é essa interação que constrói a linguística histórica (FARACO, 2005, p. 145).

O surgimento da linguística histórica está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento de um conjunto de estudos surgido da Europa, a linguística teve de desenvolver uma abordagem histórica-comparada (Sousa, 2006, p. 14), isto é, estudar elementos históricos com o propósito de chegar a conclusões aceitas, ocorrendo por meio de teorias ou referências.

É nítida a mudança das línguas ao passar do tempo. Se pegarmos um livro de muitos anos atrás, a possibilidade de leitura existe, porém com uma grande estranheza diante os termos que já se tornaram obsoletos. Este raciocínio também é válido para transmissões de rádio: nestes exemplos é notável a mudança por meio de vocabulários e sons (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 11).

A razão desta mudança de vocabulários está extremamente ligada à transição em que a sociedade comparece, novas entradas de tecnologias, palavras mais fáceis e gírias estão sempre em torno da mudança.

Como uma maneira de perceber a mudança na linguagem ou línguas ao longo do tempo, linguistas podem analisar a mudança linguística ao longo do tempo comparando gramáticas de diferentes períodos, como o inglês moderno e o inglês antigo (CAMPBELL, 1999, p. 4), ou com uma comparação entre japonês antigo e japonês moderno.

3.2. Convergência linguística

A convergência linguística, também conhecida como *Sprachbund*, ocorre quando línguas distintas entram em contato em uma mesma região geográfica, resultando em influências mútuas que afetam tanto o vocabulário quanto a estrutura dessas línguas (Campbell, 1999, p. 300) Este fenômeno pode ser definido como um conglomerado de línguas que compartilham diversas características semelhantes. Em regiões específicas, as línguas envolvidas desenvolvem traços comuns, que podem ser tanto estruturais quanto lexicais, por meio do empréstimo e do compartilhamento de palavras e construções gramaticais (idem, 1999, p. 300)

Para estudar as línguas em uma área de convergência, podem-se utilizar diferentes abordagens metodológicas. A abordagem Circunstancialista consiste em listar de maneira simples e direta as semelhanças encontradas entre as línguas, proporcionando um panorama geral das influências mútuas. Em contrapartida, a abordagem Historicista caracteriza-se por uma análise mais detalhada e rigorosa, fornecendo uma compreensão mais profunda e confiável das relações linguísticas e das mudanças ocorridas ao longo do tempo (Campbell, 1999, p. 300).

A convergência linguística adquire particular relevância quando estudada em conjunto com a linguística histórica, pois facilita a compreensão das transformações linguísticas diacrônicas. A intersecção dessas disciplinas permite uma análise mais completa das mudanças que ocorrem nas línguas ao longo do tempo. Ao explorar como as línguas se influenciam mutuamente em contextos de contato prolongado, os linguistas podem obter parecer valioso sobre os processos de mudança linguística e as dinâmicas sociais e culturais subjacentes (FARACO, 2005, p. 193-198).

3.3. Empréstimo linguístico

Um empréstimo linguístico ocorre quando uma língua adota palavras ou expressões de outra língua, comum em contatos culturais, comerciais ou tecnológicos (idem, 2005, p. 193-198). Isso se correlaciona com a linguística histórica, pois esses empréstimos ajudam a entender as interações entre culturas ao longo do tempo, fornecendo pistas sobre eventos históricos e migrações. Na convergência linguística, línguas em contato se tornam mais semelhantes, e os empréstimos linguísticos exemplificam isso ao incorporar elementos da língua de origem. Assim, enriquecem o vocabulário e refletem as conexões entre diferentes culturas e períodos históricos.

O vocabulário japonês contém uma quantidade extremamente grande de palavras de empréstimo (Shibatani, 1990, p. 142) O japonês adotou termos de línguas vizinhas, como o Ainu e o Coreano, mas, de longe, as mais numerosas são as palavras emprestadas do chinês (idem, 1990, p. 142). Tradicionalmente, o léxico japonês é descrito em termos de três camadas. Os termos wago 'palavras japonesas' ou Yamato-kotoba 'palavras Yamato' referem-se à camada do vocabulário nativo, e kango 'palavras chinesas' refere-se aos termos emprestados de origem chinesa (doravante chamados de palavras Sino-Japonesas ou simplesmente palavras S-J). Todos os outros termos emprestados de línguas europeias, bem como das línguas coreanas e do sudeste asiático, são classificados sob a rubrica gairaigo 'palavras estrangeiras' (literalmente 'palavras vindas do estrangeiro') (ibidem, 1990, p. 142).

Também existem palavras emprestadas de diversos locais, além da Coreia e China, e se torna interessante que esses termos são grafados de uma forma diferente dos kanjis que representariam empréstimos do chinês. De acordo com Shibatani (1990, p. 150), quando palavras estrangeiras são adaptadas para o japonês através do uso de katakana, a pronúncia original frequentemente sofre significativas alterações. Isso ocorre porque, com exceção do som /N/, todos os caracteres katakana terminam em vogal. Dessa forma, encontros consonantais e consoantes finais de palavras emprestadas são transformados em sequências de consoantes seguidas por vogais (ibidem 1990, p. 150).

Ao abordar os cuidados ao estabelecer um cognato durante a codificação de dados, é fundamental considerar a conexão histórica dos empréstimos linguísticos. Crowley e Bower (2010, p. 157) enfatizam a necessidade de um discernimento criterioso na identificação de cognatos durante o processo de codificação, distinguindo-os de possíveis empréstimos linguísticos que possam apresentar similaridades superficiais, mas não compartilham uma origem etimológica comum.

Os empréstimos linguísticos representam a influência de uma língua sobre outra, ocorrendo quando uma palavra de uma língua é adotada por outra. Isso pode complicar a identificação de cognatos verdadeiros, que são palavras com uma origem comum em diferentes línguas devido à evolução a partir de um ancestral comum. Quando um empréstimo linguístico é confundido com um cognato, isso pode distorcer a compreensão da evolução e da origem de uma língua (idem, 2010, p. 157).

A título de exemplo, o vocábulo japonês "pan" (パン), que denota 'pão', é um empréstimo do português "pão". A similaridade fonética entre os termos é evidente, contudo, não se configuram como cognatos, visto que não compartilham uma raiz etimológica comum. A identificação errônea de "pan" como cognato de "pão" poderia levar a conclusões equivocadas acerca da história e evolução do léxico japonês, obscurecendo as reais conexões históricas e evidenciando apenas uma influência externa pontual.

Quadro 1: empréstimos linguísticos

| Significado | Turco | Coreano | Tagalo | Bahasa | Japonês |
|-------------|----------|----------------|----------|----------|------------------------|
| Calçado | ayakkab | 구두 (Kudu) | sapatos | kasut | 靴 (Kutsu) |
| Pão | Ekmek | 빵 (Ppang) | Tinapay | Roti | パン (Pan) |
| Rádio | Radyo | 라디오 (Radio) | Radyo | Radio | ラジオ (Rajio) |
| Internet | İnternet | 인터넷 (Inteonet) | Internet | Internet | インターネット (Intānetto) |
| Café | Kahve | 커피 (Keopi) | Kape | Kopi | コーヒー (Kōhī) |

Fonte: Cambridge Dictionary (2024), National Institute of Korean Language's (2024)

No quadro acima, diversos exemplos de empréstimos linguísticos ilustram a importância de investigar a história de cada palavra ao analisar cognatos. A palavra "café", presente em diversas línguas com formas semelhantes (Kahve, 커피 (Keopi), Kape, Kopi, コーヒー (Kōhī)), exemplifica essa necessidade.

Sua origem remonta ao termo holandês "koffie" (Harper, 2024), que se espalhou globalmente através do comércio e colonização. A identificação e compreensão dessa trajetória etimológica é fruto do trabalho da linguística histórica, que, ao investigar a evolução das palavras e o contato entre línguas, revela como o intercâmbio cultural e histórico molda o vocabulário, evidenciando a presença de empréstimos linguísticos como "café". Sua origem remonta ao termo holandês "koffie", que se espalhou globalmente através do comércio e colonização, evidenciando como o intercâmbio cultural e histórico molda o vocabulário das línguas (Harper, 2024).

Portanto, é crucial considerar o contexto histórico e cultural das palavras ao codificar dados linguísticos. A distinção entre empréstimos linguísticos e cognatos verdadeiros

é essencial para entender a evolução e a origem das línguas, evitando desvios que possam comprometer a validade da pesquisa.

3.4. Método comparativo

O método comparativo é central para a linguística histórica, o mais importante dos diversos métodos e técnicas que utilizamos para recuperar a história linguística (CAMPBELL, 1999, p. 108). Com base neste método, conseguimos realizar comparações entre determinados cognatos de famílias linguísticas diversas, a propósito de descobrir sua pertencente família linguística. Costumamos dizer que as línguas que pertencem à mesma família linguística são aparentadas geneticamente. Isso significa que essas línguas aparentadas descendem de uma única língua original, denominada uma protolíngua (CAMPBELL, 1999, p. 108).

Ao comparar diferentes línguas com sua língua de origem, podemos alcançar resultados significativos e obter uma melhor compreensão de suas relações históricas. O quadro a seguir ilustra o método comparativo, que se baseia na análise de palavras cognatas para identificar conexões entre idiomas. Neste exemplo, Campbell (1999, p. 111) utiliza uma seleção de idiomas para demonstrar como o método comparativo é aplicado na prática.

Os idiomas apresentados no quadro são: italiano, espanhol, português, francês, latim e inglês. Ao analisar as semelhanças entre as palavras nesses idiomas, podemos identificar suas origens comuns e entender melhor como essas línguas evoluíram ao longo do tempo. Por exemplo, muitas palavras em italiano, espanhol, português e francês têm suas raízes no latim, o que evidencia a influência do latim sobre essas línguas românicas.

Além disso, a comparação com o inglês, uma língua germânica, pode revelar empréstimos linguísticos e outras influências históricas.

Quadro 2: alguns conjuntos cognatos românicos.

| Italiano | Espanhol | Português | Francês | Latim | Inglês |
|------------------|------------------|------------------|---------------------|-------|-----------|
| capra /kapra/ | cabra /kabra/ | cabra /kabra/ | chèvre /ʃevr(a)/ | capra | goat |
| caro /karo/ | caro /karo/ | caro /karu/ | cher /ʃer/ | caru | dear |
| capo | cabo | cabo | chef | caput | head, top |

| | | | | | |
|----------------------------|--------------------------|-----------------------|---|------------|-------------|
| /kapo/ 'main, chief' | /kabo/ 'extremity' | /kabu/ 'extremity' | /ʃɛf/ 'main, chief' | | |
| carne /karne/ | carne /karne/ | carne /karne/ | chair /ʃɛf/ (cf. Old French Charn /carn/ | carō/carn- | meat, flesh |
| cane /kane/ | can (arcaic) /kan/ | cão /kãw~/ | chien /ʃjẽ/ | canis | dog |

Adaptado de CAMPBELL (1999, p. 111)

Este quadro exemplifica algumas palavras cognatas entre os diferentes idiomas. Ao examinar essas palavras, podemos perceber como elas evoluíram de suas formas latinas originais para suas formas modernas nas línguas românicas e como elas foram influenciadas por mudanças fonéticas e semânticas ao longo do tempo.

O método comparativo é uma ferramenta valiosa na linguística histórica, pois se baseia na identificação de palavras que compartilham uma origem comum, conhecidas como cognatos. No entanto, a eficácia deste método diminui quando se torna difícil estabelecer esses conjuntos de cognatos (Shibatani, 1990 p. 112).

O método demonstra eficácia tanto na presença de documentação histórica escrita (exemplificada pelas línguas indo-europeias) quanto na sua ausência (como no caso das línguas indígenas americanas). Naturalmente, a inexistência de registros escritos implica em um processo de investigação mais árduo, mas não impossível (FARACO, 2005, p. 125).

A falta de conjuntos confiáveis de palavras cognatas e os desafios metodológicos envolvidos na sua identificação são grandes obstáculos na investigação da relação genética da língua japonesa. Esses desafios dificultam a obtenção de uma solução clara e amplamente aceita sobre a origem da língua japonesa (idem, p. 113)

Quando comparamos o japonês com outras línguas, especialmente as línguas altaicas, encontramos muito poucos conjuntos de palavras que podem ser considerados cognatos legítimos. Essa escassez de evidências alimenta a controvérsia sobre se essas línguas realmente formam uma unidade linguística (ibidem, p. 114)

Existem condições essenciais que devem ser observadas para que uma análise de cognatos seja considerada respeitável e contribua efetivamente para o avanço do conhecimento linguístico (Campbell, 1999, pp. 78-102), algumas dessas condições incluem:

Conhecimento sólido dos princípios da linguística histórica: O pesquisador precisa ter um bom entendimento dos processos de mudança linguística, da reconstrução de protolínguas e da identificação de cognatos.

Seleção criteriosa dos dados: A escolha das línguas e palavras a serem comparadas deve ser feita com base em critérios sólidos, como a proximidade geográfica, o contato histórico entre os povos e a disponibilidade de dados confiáveis.

Aplicação rigorosa do método comparativo: O método comparativo, com suas etapas e princípios, deve ser aplicado de forma sistemática e cuidadosa, garantindo a identificação precisa de cognatos e a exclusão de falsos cognatos ou empréstimos.

Consideração do contexto histórico e cultural: A análise não deve se limitar à comparação de formas linguísticas, mas também deve levar em conta o contexto histórico e cultural das línguas em questão, buscando entender as possíveis rotas de contato e influência.

Transparência e documentação: O pesquisador deve apresentar seus dados e métodos de forma clara e transparente, permitindo que outros especialistas avaliem e repliquem sua análise.

Ao seguir essas condições, a análise de cognatos se torna uma ferramenta valiosa para desvendar as relações entre as línguas, reconstruir protolínguas e traçar a história da evolução linguística, contribuindo para o avanço do conhecimento na área.

O método comparativo foi escolhido como a metodologia a ser utilizada nesta monografia, isto se dá diante a razão de este ser o método principal e melhor aceito da linguística histórica (Tanaka de Lira, 2023, p. 8).

Diante o objetivo anteriormente descrito nesta monografia, para determinada comparação linguística foi necessária a análise de cognatos por meio de correspondência sonora, sendo este o método comparativo a ser concretizado no trabalho. Realizando as comparações dos cognatos das línguas escolhidas em turco, coreano, tagalo (filipino), Bahasa

(indonésio) e japonês, onde se tornou visível a semelhança e não semelhança dos cognatos explorados.

Se tornou necessária uma introdução teórica acerca do assunto tratado, de modo que o leitor consiga assimilar contexto e ligação ao objetivo traçado, sendo de tamanha importância não só para o entendimento das hipóteses, mas também das famílias linguísticas dissertadas e catalogadas.

As análises a serem realizadas neste presente trabalho, embora ocorrendo de forma superficial, visam ilustrar o papel fundamental da linguística histórica na compreensão das transformações e influências que moldam as línguas ao longo do tempo. A identificação de cognatos, mesmo que de maneira introdutória, serve como um vislumbre das complexas relações entre idiomas, sejam eles pertencentes à mesma família linguística ou não. Essa breve exploração não apenas lança luz sobre a história e o desenvolvimento das línguas em questão, mas também desperta a curiosidade e incentiva a busca por um conhecimento mais aprofundado sobre as conexões que unem os idiomas e as culturas que os falam.

4. Análise

4.1. Análise e Discussão dos Dados

Primeiro, ao trabalhar com os cognatos em pares, a escolha se justifica pelas zonas de convergência linguística. Tagalo e Bahasa são selecionados por serem as principais línguas de seus respectivos países e por possuírem numerosos cognatos já estabelecidos em estudos linguísticos significativos.

Quadro 3: comparações com enfoque em tagalo e bahasa

| Significado | Turco | Coreano | Tagalo | Bahasa | Japonês |
|-------------|-------|---------|--------|--------|---------|
| Eu | Ben | Na | Ako | Aku | Watashi |
| Quatro | Dört | Net | Apat | Empat | Yon |
| Cachorro | köpek | gae | Asu | Aso | Inu |
| Cabeça | baş | gogae | Ulu | Ulo | Atama |

Fonte: The tagalog language (2018); Cambridge Dictionary (2024), National Institute of Korean Language's (2024)

É notável a semelhança nas palavras demonstradas no quadro, especialmente os pronomes e números, que permanecem relativamente inflexíveis diante das transformações linguísticas decorrentes de diversos eventos de convergência linguística ou empréstimos significativos.

Os cognatos "Ako" (Tagalo) e "Aku" (Bahasa) estão sendo analisados com base no quadro 3. Ambas as palavras começam com o som /a/. O segundo som em "Ako" é /k/, enquanto em "Aku" também é /k/. O som /k/ é mantido de forma consistente em ambas as palavras, sugerindo uma estabilidade fonológica entre os idiomas. "Ako" e "Aku" compartilham uma correspondência fonológica regular, especialmente no início da palavra e no som "k". A mudança de /o/ para /u/ pode indicar uma regularidade ou uma mudança fonológica específica entre essas línguas. Essa análise evidencia como a aplicação da regra de correspondência sonora pode revelar padrões de mudança fonológica entre o Tagalo e o Bahasa, contribuindo para uma melhor compreensão das relações linguísticas entre esses idiomas.

Continuando a explorar as zonas de convergência linguística, o quadro abaixo demonstra a interação entre o Coreano e o Japonês. Neste contexto, é identificada uma palavra-chave que se torna crucial para a busca e estabelecimento de cognatos potenciais, oferecendo perspectivas fundamentais sobre suas conexões históricas e culturais.

Quadro 4: comparações enfoque coreano-japonês

| Significado | Turco | Coreano | Tagalo | Bahasa | Japonês |
|---------------|--------|---------|--------|---------|----------|
| Cima/ Em cima | yukarı | 위 (Wi) | Itaás | ke atas | 上(Ue) |
| Água | Su | 물 (mul) | Tubig | air | 水 (mizu) |

Fonte: The tagalog language; Cambridge Dictionary (2024), National Institute of Korean Language's (2024)

Ao considerar as palavras demonstradas no Quadro 4, inicialmente pode parecer desafiador estabelecer uma correlação linguística direta, dadas as significativas transformações que o japonês sofreu desde a era ocidental até sua forma atual. Tanaka de Lira (2023, p. 8) argumenta que um refinamento metodológico crucial é verificar se um cognato está presente apenas no Japonês Antigo Ocidental ou nos dialetos mais próximos da península coreana naquela época. Isso aumenta a probabilidade de que o termo seja um empréstimo originário de uma inovação na língua coreana, em vez de ser um vocábulo comum às duas famílias

linguísticas. Além disso, é comum utilizar formas contemporâneas da língua, quando o ideal seria utilizar as formas mais antigas registradas.

Quadro 5: comparações com enfoque em tagalo e bahasa

| Significado | Turco | Coreano | Tagalo | Bahasa | Japonês |
|-------------|-------|---------|--------|--------|---------|
| Eu | Ben | Na | Ako | Aku | Watashi |
| Quatro | Dört | Net | Apat | Empat | Yon |
| Cachorro | köpek | gae | Asu | Aso | Inu |
| Cabeça | baş | gogae | Ulu | Ulo | Atama |

Fonte: The tagalog language (2018); Cambridge Dictionary (2024), National Institute of Korean Language's (2024)

O Quadro 5 compara palavras em turco, coreano, tagalo, bahasa e japonês, utilizando o método de análise de cognatos por correspondência sonora. Destacamos aqui as relações entre coreano e japonês:

Cima/Em cima

Coreano: 위 (Wi)

Tagalo: itaás

Japonês: 上 (Ue)

Observamos que "위 (Wi)" em coreano e "上 (Ue)" em japonês compartilham uma estrutura silábica e fonológica similar para "cima/em cima". Embora essa similaridade possa sugerir uma possível relação histórica entre as palavras, a evidência limitada a um único som em comum torna essa hipótese menos provável. É possível que a semelhança se deva a um empréstimo linguístico ou a uma coincidência, e uma origem comum exigiria evidências mais robustas, como correspondências sonoras regulares em um conjunto maior de palavras. Em contraste, o Tagalo utiliza "itaás", demonstrando uma variação fonológica.

Água

Coreano: 물 (mul)

Tagalo: tubig

Japonês: 水 (mizu)

O uso de "물" em coreano e "水" em japonês para "água" apresenta um som inicial comum (/m/). No entanto, a presença de apenas um som em comum não é suficiente para estabelecer uma relação genética definitiva entre as palavras. Para sustentar a hipótese de uma origem comum, seria necessário explicar as mudanças fonológicas que levaram às diferenças nos demais sons das palavras. A continuidade na raiz das palavras, se comprovada por meio de uma análise fonológica mais aprofundada, poderia indicar influências culturais e históricas compartilhadas.

Essa análise exemplifica como o método de correspondência sonora na análise de cognatos no Quadro 4 enriquece a compreensão das relações linguísticas entre coreano, japonês e outros idiomas.

O presente quadro, contém palavras do coreano e japonês antigo, as quais foram extraídas da obra de Lee e Ramsey (2011), oferece uma seleção de vocábulos coreanos e japoneses que, à primeira vista, sugerem uma possível relação de parentesco. Tal relação, caso comprovada, poderia lançar luz sobre um vínculo ancestral entre as duas línguas, abrindo portas para a reconstrução de um passado linguístico compartilhado.

Indícios de Cognatos: Os quadros exibem pares lexicais que apresentam possível similitude tanto fonológica quanto semântica, o que sugere a possibilidade de serem cognatos, ou seja, palavras que podem descender de uma mesma forma ancestral em uma proto-língua. Essa constatação, embora preliminar, instiga a hipótese de um parentesco genético entre o coreano e o japonês.

Variações Fonéticas: Apesar das similaridades, as palavras em questão também apresentam variações fonéticas. No caso de "nat" e "nata", a aspiração do /t/ em coreano pode ser resultado de um processo fonético específico da língua. Enquanto a presença de "ake" na palavra "patake" em japonês pode ser explicada por uma adição posterior resultada pelo tempo. Tais variações, contudo, não invalidam a hipótese de cognatos, sendo, ao contrário, esperadas em línguas aparentadas, em virtude de processos fonológicos como a lenição ou a palatalização. O desafio, nesse caso, reside em identificar e explicar os processos fonológicos

específicos que levaram a essas variações, o que contribui para a reconstrução da história evolutiva das línguas em questão.

Influência Externa: É importante considerar que a palavra japonesa "mizu" pode ser um empréstimo de outra língua, visto que a maioria das palavras relacionadas ao mar em japonês descendem de "umi/omi". Essa possibilidade de influência externa, embora não invalide a busca por cognatos, ressalta a importância de cautela e rigor metodológico na interpretação dos dados. A análise etimológica deve levar em conta não apenas as semelhanças fonológicas, mas também o contexto histórico e cultural das línguas em questão, a fim de distinguir entre cognatos genuínos e possíveis empréstimos.

A análise de cognatos constitui um pilar fundamental na investigação da história e do parentesco entre línguas. A identificação de possíveis cognatos entre o coreano e o japonês, como os apresentados neste quadro, abre um leque de possibilidades para a compreensão da evolução dessas línguas e de suas relações com outras famílias linguísticas.

A presença de cognatos, embora sugestiva, não é prova cabal de parentesco genético. Faz-se necessário um estudo mais aprofundado, com um corpus lexical mais amplo e uma análise minuciosa das mudanças fonéticas e semânticas, para corroborar ou refutar a hipótese de um vínculo ancestral entre o coreano e o japonês.

A reconstrução da protolíngua que teria dado origem a essas línguas, a partir da identificação de cognatos e da análise das mudanças linguísticas, representa um desafio fascinante para a linguística histórica. Tal reconstrução permitiria não apenas traçar a história evolutiva do coreano e do japonês, mas também lançar luz sobre as migrações e os contatos culturais que moldaram o Leste Asiático ao longo dos milênios.

Em suma, a análise dos cognatos coreano-japoneses apresentada neste quadro, embora preliminar, oferece um vislumbre promissor das complexas relações entre essas duas línguas e convida a comunidade acadêmica a aprofundar as investigações nesse campo, desvendando os mistérios de um passado linguístico compartilhado.

Falando sobre o turco em específico, Shibatani (1990) discute a hipótese das línguas altaicas, que sugere que o turco, juntamente com outras línguas como o mongol e o tungúsico (ou manchu), fazem parte de uma família linguística chamada altaica. Segundo essa hipótese, essas línguas compartilham um ancestral comum e possuem semelhanças estruturais e

vocabulares que as diferenciam de outras famílias linguísticas. Apesar de ambas as línguas terem recebido um número similar de empréstimos no passado, a comparação entre elas pode apresentar desafios. As diferenças na pronúncia, gramática e vocabulário, mesmo com origens comuns, podem levar a interpretações equivocadas. Além disso, a evolução independente de cada língua ao longo do tempo pode ter gerado significados distintos para palavras que antes eram semelhantes.

Quadro 6: comparações com enfoque em japonês e turco

| Significado | Japonês | Turco |
|-------------|--------------|-------------------------|
| Pão | パン (pan) | Pan |
| Cigarro | タバコ (tabako) | Tütün (antigo) / Sigara |
| Café | コーヒー (kōhī) | Kahve |
| Televisão | テレビ (terebi) | Televizyon |
| Tomate | トマト (tomato) | Domates |

Fonte: Cambridge Dictionary (2024)

Esses termos são empréstimos modernos, frequentemente de origem europeia, adotados tanto pelo japonês quanto pelo turco, possivelmente de forma independente. Dessa forma, a influência mútua direta entre o japonês e o turco pode ser limitada, e esses exemplos ilustram mais a globalização linguística do que uma conexão histórica direta entre as duas línguas. Além disso, a hipótese das línguas altaicas é controversa e não possui ampla aceitação entre os linguistas.

Podemos observar que a presença de empréstimos linguísticos em ambas as línguas reflete mais uma influência de terceiros, como as línguas europeias, do que uma conexão direta entre o japonês e o turco

A comparação aponta para a influência do contato linguístico e dos empréstimos como uma das principais razões para essas semelhanças superficiais, ao invés de uma origem comum. A hipótese das línguas altaicas, que propõe uma relação genética entre o japonês, o turco e outras línguas, é amplamente debatida e não é amplamente aceita. As semelhanças entre o japonês e o turco, como ilustrado no quadro, podem ser explicadas principalmente por influências externas, em vez de uma ancestralidade comum.

Portanto, esses empréstimos linguísticos exemplificam a globalização linguística e o impacto das línguas europeias em diferentes partes do mundo, demonstrando como as culturas adotam e adaptam termos estrangeiros conforme novas ideias e tecnologias se espalham globalmente. Isso reforça a ideia de que, embora haja paralelos entre o japonês e o turco em termos de vocabulário moderno, essas semelhanças podem ser atribuíveis ao contato mais do que a qualquer conexão linguística profunda entre os dois idiomas.

5. Conclusão

A elaboração deste trabalho sobre as origens da língua japonesa revelou-se uma experiência desafiadora. O estudo das diferentes hipóteses, a análise comparativa de cognatos e a reflexão sobre as complexas relações entre o japonês e outras línguas asiáticas podem abrir novas perspectivas sobre a história e a evolução do idioma.

A busca pela "verdadeira" origem de uma língua, como o japonês, é uma tarefa complexa e multifacetada, que exige rigor metodológico, pesquisa aprofundada e abertura para diferentes interpretações. A escassez de registros antigos e a dificuldade em estabelecer correspondências sonoras precisas entre as línguas comparadas impõem desafios consideráveis à pesquisa, como evidenciado pela dificuldade em encontrar dicionários e fontes confiáveis para a análise.

Este trabalho não pretende afirmar categoricamente a ligação entre o japonês e as demais línguas estudadas, mas sim apresentar as diferentes hipóteses e fomentar a reflexão sobre as possíveis conexões e influências mútuas. A convergência linguística, com seus empréstimos e interações ao longo do tempo, emerge como um fator crucial para entender a complexidade das origens do japonês e a dificuldade em traçar uma linhagem única e definitiva.

Sobre a Pesquisa Altaica:

A hipótese altaica tem oferecido sugestões sobre a ligação da língua japonesa com outras línguas do continente, abrindo caminho para novas pesquisas e discussões sobre a história e as relações entre as línguas da região.

Pesquisas sobre a hipótese altaica continuam em andamento, com trabalhos recentes como o de Robbeets (2017, pp. 210-251) explorando novas evidências e análises que podem lançar luz sobre as relações entre as línguas altaicas e sua história. O desenvolvimento de novas ferramentas e métodos de análise linguística, como a linguística computacional e a análise

filogenética, podem ajudar a esclarecer as questões em aberto e a fornecer novas perspectivas sobre a hipótese altaica.

Sobre a Pesquisa Austronésia:

A exploração de novos dados linguísticos, arqueológicos e genéticos, aliada ao desenvolvimento de métodos de análise mais sofisticados, poderá lançar luz sobre a extensão e a natureza da influência austronésia no japonês. A compreensão das complexas interações entre os povos que habitaram o arquipélago japonês e as regiões vizinhas ao longo da história é fundamental para desvendar os mistérios da formação do idioma e sua relação com outras línguas asiáticas. O aprofundamento dos estudos sobre o substrato austronésio no japonês poderá revelar aspectos importantes da história cultural e linguística do Japão, contribuindo para um conhecimento mais completo e abrangente sobre a língua e sua evolução.

Sobre o Proto-nipo-coreano:

A hipótese do proto-nipo-coreano, apesar dos desafios metodológicos e da falta de consenso na comunidade linguística, permanece como uma área promissora para futuras investigações. A busca por evidências mais robustas e a aplicação de novas ferramentas de análise, como a linguística computacional e a análise filogenética, poderão trazer novas perspectivas e contribuir para o avanço do conhecimento sobre a possível relação genética entre o japonês e o coreano. O aprofundamento dos estudos sobre o proto-nipo-coreano e a reconstrução de sua fonologia, gramática e léxico permitirão traçar um panorama mais claro da história linguística do Nordeste Asiático, revelando as complexas interações entre os povos que habitaram a região e as influências que moldaram seus idiomas.

6. Referências Bibliográficas

- SHIBATANI, M. **The Languages of Japan**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CROWLEY, Terry; BOWERN, Claire. **An Introduction to Historical Linguistics**. 4ªed. Nova Iorque: Oxford University Press, 2010.
- Campbell, L. **Historical linguistics: an introduction**. s.l. : The MIT Press, 1998.
- Tanaka de Lira, M. **Correspondências fonológicas de um proto-nipo-coreano**. Brasília: Universidade de Brasília, 2023.
- Tanaka de Lira, M. **A formação linguística do nordeste asiático: múltiplas origens das famílias coreânica e japonesa**. Revista do CEAM, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistadoceam/article/view/45503>. Acesso em: 28/05/2024.
- Cambridge University. **CAMBRIDGE DICTIONARY ONLINE**. Cambridge: Cambridge University Press, 2024. Disponível em: <http://dictionary.cambridge.org>. Acesso em: 30/05/2024
- National Institute of Korean Language's. **Korean-English Learners' Dictionary**. National Institute of Korean Language's, 2024. Disponível em: <https://krdict.korean.go.kr/>. Acesso em: 10/07/2024.
- CONSTANTINO, L. **The tagalog language**. Forgotten Books, Londres, 2018.
- HUDSON, M. J. 28 - **Japan: Archaeology**. NESS, I. The Global Prehistory of Human Migration. Chichester, West Sussex, UK: John Wiley & Sons, 2015. p. 572-585.
- Hasegawa, Y. **The Routledge Handbook of Japanese Sociolinguistics**. Routledge. 2015.
- Shibatani, M, Miyagawa, S, & Noda, H. **The languages of Japan and Korea**. Cambridge University Press, 2015. p. 238.

Eberhard, D. Gary, F. Simons, Charles D. Fennig (eds.). **Ethnologue: Languages of the World**. Twenty-seventh edition. Dallas, Texas: SIL International, 2024. Disponível em: <https://www.ethnologue.com/subgroup/447/>. Acesso em: 06/08/2024

Glottolog. **Family: Atayalic**. *Atayal*, s.d. Disponível em: <https://glottolog.org/resource/languoid/id/atay1246>. Acesso em: 07/08/2024.

ROBBEETS, M. **Austronesian influence and Transeurasian ancestry in Japanese**. *Language Dynamics and Change*, 2017. p. 210-251. Disponível em: https://brill.com/view/journals/ldc/7/2/article-p210_4.xml. Acesso em: 07/08/2024.

Harper, D. **coffee**. *Online Etymology Dictionary*, 2023. Disponível em: <https://www.etymonline.com/search?q=coffee>. Acesso em: 08/08/2024

Blust, A. **Austronesian languages**. *Encyclopedia Britannica*, 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Austronesian-languages>. Acesso em: 5/08/2024.

FRANCIS-RATTE, A. T. **Proto-Korean-Japanese: A New-Reconstruction of the Common Origin of the Japanese and Korean Languages**. Columbus, OH: Ohio State University. PhD Dissertation., 2016.

LEE, K. M.; RAMSEY, S. R. **A History of the Korean Language**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2011.